



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

BALANGANDÁS DA TRADIÇÃO NO TABULEIRO DA BAIANA: ELEMENTOS ÉTNICOS PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS

Martha Maria Brito Nogueira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mbnogueira07@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A proposta desta comunicação é identificar elementos da etnicidade como favorecedores do empoderamento¹ de mulheres negras, especialmente das vendedoras de acarajé. A nossa abordagem segue a proposição de Frederic Barth (2011), considerando os elementos étnicos como características fundamentais atribuídas internamente por membros dos grupos étnicos, reconhecidas socialmente por outros grupos, na direção em que o sujeito está frente a outros sujeitos enunciando seus conflitos e percepções. As diferenças culturais, por si só, não identificam um grupo étnico, porquanto as culturas são dinâmicas nas relações de troca entre diferentes grupos, desta forma são as fronteiras étnicas que demarcam as diferenças em função de uma origem supostamente comum, quando são estimulados os signos culturais socialmente diferenciadores nas interações sociais (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011)

As “baianas de acarajé”, ao manter as tradições de suas ancestrais, no comportamento, nas roupas, na forma de organizar os tabuleiros, e em outros símbolos culturais e religiosos apresentados no seu modo de vida, estabelecidos por meio da memória individual e coletiva, definem a sua identidade bem como realçam o seu pertencimento étnico. Consideramos esses elementos, identificados na apresentação das “baianas de acarajé”, como objetos propulsores que possibilitaram o processo de empoderamento dessas mulheres negras.

¹. Empoderamento, neste sentido, é entendido como mudança na condição e na posição das mulheres negras dentro da sociedade, sugerindo um tipo de poder que estimula as mudanças, tanto individuais como coletivas, que é criativo e participativo proporcionando novos espaços e posições, permitindo a conquista da autonomia e representatividade nos contextos cultural, econômico, político e social (SARDENBERG, 2006).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

No período colonial, em terras brasileiras, as mulheres africanas e afrodescendentes, escravas ou forras, se fizeram “ganhadeiras²” continuando, como em África, mercadoras de bens tanto materiais como simbólicos. Na Bahia, o preparo das iguarias que eram vendidas nos tabuleiros exigia muito esforço e conhecimento que foi passado de geração em geração. Os bolos de feijão (acarajé e abará) eram embrulhados com folha de bananeiras e para consegui-las era necessário seguir por matagais. Desse modo, o trabalho dessas mulheres tinha uma jornada que começava ao nascer do sol. Foi assim que entre as décadas de 30 e 40 aparecem nas ruas de Salvador, a “baiana de acarajé” vendendo de porta em porta, proporcionando o seu sustento e da sua família, participando da economia informal da cidade. (IPHAN, 2007)

Na atualidade, essas vendedoras ambulantes ocupam a paisagem de várias praças do país. Considerando a relevância social e cultural conseguida por essas mulheres, em 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, concluiu o registro do “Ofício das baianas de acarajé” classificando-o como “patrimônio imaterial”. Este registro pronuncia como resultado de diversos fatores, movimentos e conjunturas sociais que dinamizam e contribuem para visibilizar as mulheres negras em diversos campos sociais viabilizando seu empoderamento. (IPHAN, 2007)

A antropóloga Nina Pinheiro Bitar (2011), vai ao encontro das vendedoras de acarajé no Rio de Janeiro para descrever e analisar o processo de se tornar “baiana de acarajé”. A autora pretendeu mostrar essa personagem que ocupa a paisagem urbana de Salvador, chegando ao Rio de Janeiro para ocupar as esquinas, as praças, as feiras como vendedoras ambulantes, como a escrava de ganho no período escravista, como a ganhadeira do século XIX, como as tias baianas no início do século XX. Todas essas personagens carregam algo em comum: a origem étnica e o tabuleiro. No tabuleiro da baiana tem variadas iguarias, mas é o acarajé que dá o “cheiro” da venda:

O estudo de Bitar revela que as mulheres negras “baianas de acarajé”, articulam uma série de relações sociais e simbólicas a partir de sua forma de lidar com o mundo. Para além de ser um emblema da etnicidade afro-baiana, fazem parte de um sistema mais amplo de trocas e reciprocidades cuja origem é africana. Com base nessas evidências,

² Vendedoras ambulantes que enquanto escravas dividiam o seu lucro com o seu senhor. Chamavam de ganhadeiras ou escravas de ganho.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

podemos sugerir que em suas ações cotidianas para sobrevivência, a mulher negra utilizou de símbolos e costumes herdados de suas ancestrais ressignificando-os, criando tradições que possibilitaram o seu empoderamento por meio das diferenciações étnicas.

METODOLOGIA

Com a finalidade de apresentar os elementos da etnicidade como impulsionadores do empoderamento de mulheres negras, vendedoras de acarajé, a pesquisa buscou analisar a trajetória de Dionísia de Oliveira Silva, conhecida popularmente como Dona Dió do Acarajé, a primeira mulher a comercializar o acarajé em Vitória da Conquista, cidade do interior baiano, onde se tornou um ícone da cultura negra. A nossa hipótese é de que ao afirmar sua identidade de “baiana de acarajé” sendo desta forma reconhecida pela população conquistense, Dona Dió conseguiu construir uma trajetória de conquistas para si e sua família, formando uma verdadeira rede de sociabilidade na valorização dos símbolos da tradição afro-baiana.

Para realizar a pesquisa, utilizamos os procedimentos metodológicos da história oral por meio de entrevistas orais, dialogando com registros fotográficos, documentos e jornais da época. Foram realizadas 14 entrevistas com os filhos, amigos, colegas de trabalho, parentes simbólicos, componentes do grupo carnavalesco e promotores de eventos. Para análise dos dados, as teorias feministas sobre empoderamento e sobre pensamento feminista negro, foram importantes na medida em que possibilitaram articular o empoderamento da mulher negra e a sua identidade étnica na manutenção de elementos que definem a tradição afro-baiana. Foram utilizadas também as teorias da etnicidade e dos estudos culturais relacionados à cultura popular e a cultura negra.

DISCUSSÃO

De origem muito pobre, Dona Dió interrompeu os estudos porque precisava trabalhar. Inicialmente, exerceu a ocupação de lavadeira, e, continuamente, sobreviveu com a venda de produtos alimentícios nas portas de clubes, bares e hotéis. Mais tarde, inseriu-se no mercado informal, através da venda de acarajé. O acarajé foi definitivamente o seu meio de sobrevivência socioeconômica mais importante. Através desse alimento, Dona Dió criou uma verdadeira rede de sustentação econômica para sua família; tal



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

atividade lhe possibilitou estabelecer outras redes de empoderamento social e simbólico, tais como sua vinculação religiosa com os cultos afro-brasileiros, sua relação com o samba e expressões populares além de outras redes de relações sociais e políticas mais amplas na cidade conquistense.

Na “Praça do Acarajé” Dona Dió zelava por todos. Amiga dos comerciantes, generosa com quem precisava, amiga dos moradores de rua, dos “pivetes”³ e de quem aparecesse. Sabia lidar com todo tipo de pessoa e assim protegia e era protegida. De acordo com Bitar (2011, p.219), “é na a rua onde a baiana se constitui, relacionando-se com o espaço público de uma forma específica”. A sua relação com as pessoas da rua é condição *sine qua non* para a permanência e continuidade do seu trabalho. É também na rua que as “bairanas de acarajé” apresentam os sinais diacríticos, que fazem a diferença em relação aos demais vendedores, com as suas vestimentas bem elaboradas, seus “balangandãs” e patuás.

Dona Dió, nunca deixou de trazer para a Praça as suas marcas de etnicidade. Sempre vestida com a indumentária de “baiana de acarajé”, trazia em seu tabuleiro os elementos religiosos em que acreditava. O seu desejo de preservar as tradições não ficou apenas no sentimento, mas usando da sua influência nos meios políticos, movimentou-se para não perder o espaço que havia conquistado para as “bairanas de acarajé” na Praça onde comercializou o acarajé por mais de 50 anos. Quando começou a aparecer na cidade vendedoras de “bolinho de Jesus” ou do “acarajé cristão” sem usar a vestimenta tradicional, Dona Dió agiu no sentido de não permitir tal apropriação, trazendo para ela grandes problemas, mas também mobilizando a comunidade negra e os políticos para a sua luta diária.

De acordo com a historiadora Mônica Velloso (1990), em torno das barracas e tabuleiros as bairanas formavam poderosas redes de sociabilidades. Trocavam confidências, receitas, conselhos, e estabelecia contatos com pessoas de outros grupos sociais e assim ampliavam as possibilidades de trabalho, além da proteção por parte das autoridades políticas e policiais. Percebem-se duas características peculiares de mulheres negras, vendedoras de acarajé, que podem ser analisadas como facilitadoras no processo

³Criança ou adolescente marginalizado que executa furtos e vive pelas ruas, geralmente usuário de algum tipo de droga ilícita (Dicionário Hauaiss).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

de empoderamento: primeiro a habilidade para os negócios, que nesta pesquisa foram englobados os saberes e a disposição para o trabalho, e em segundo lugar a sociabilidade que possibilita ampliar as redes de relações fora do grupo. Ao pensar no processo de empoderamento de mulheres como Dona Dió do Acarajé, não se pode deixar de considerar que o prestígio ou a autonomia alcançada por elas não alteram a sua posição de pertencimento ao seu grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo das “baianas de acarajé” revela para além da identificação étnica ou da organização social, um sistema de construção de identidades individuais e coletivas onde a pertença cultural e religiosa é de suma importância para os sujeitos e às comunidades que os constituem. Quando as “baianas de acarajé” se valem dos símbolos étnicos – a maneira de vestir, a escolha do ponto na rua, o tabuleiro, os rituais diários, a forma de atender e servir os “fregueses” – para identificar-se, não é como pode parecer, uma simples estratégia de vendas, mas faz parte da memória e da tradição locais afro-baianas.

Dona Dió preservou os elementos da etnicidade, que, na análise barthiana (2011) realçaram a sua pertença ao grupo afro-brasileiro, reafirmados na forma de trabalhar, de vestir-se, de organizar o seu tabuleiro, de revelar seus conhecimentos sagrados para atender as pessoas que a procuravam, de manifestar a sua religiosidade. Esses elementos estabeleceram a força motriz que condicionou uma trajetória de empoderamento de uma mulher negra, baiana de acarajé, em uma cidade que se autodenomina “Suíça baiana”, mas que enxergou em Dona Dió a diferença construída por sua identidade étnica. Ela mesma dizia: “a baiana precisa ter qualquer balangandã de tradição para vender o acarajé”. A figura de Dona Dió: a “Baiana de Acarajé” se constituiu como mediadora em sua relação com os diversos poderes da sociedade conquistense e com todo o “povo negro” da cidade, marcando uma presença forte e definida na memória e na tradição conquistense.

PALAVRAS CHAVE: Mulher Negra; Relações Étnicas; Empoderamento Feminino.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIA

BARTH, Fredric. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 2011. 2.ed.

BITAR, Nina Pinheiro. **Baianas de acarajé: comida e patrimônio no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Min C – Ministério da Cultura. **Dossiê IPHAN 6 – Ofício das Baianas de Acarajé**. Brasília, 2007.

VELLOSO, Mônica. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. In: **Revista Estudos Históricos v. 3, n. 6**. Rio de Janeiro, 1990. p.207 - 228. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br>. Acesso em 20.12.2013.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 2011. 2.ed.

SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. Transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO’, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.